



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

O BRINCAR NA AULA DE BALLET CLÁSSICO DE ADULTOS: APONTAMENTOS WINNICOTTIANOS

Raphael Edson Dutra
raphaeledson15@gmail.com

Maíra Bonafé Sei
mairabonafe@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo

O presente trabalho visa investigar, por meio de uma entrevista com uma professora de dança, como se dá o brincar do adulto em uma aula de ballet clássico. Para tanto, recorre-se à teoria psicanalítica de Winnicott com o intuito de compreender as implicações de seus conceitos na experiência relatada pela participante. Observou-se, a partir da entrevista, que o adulto é capaz de brincar ao passo que substitui a atividade infantil por palavras e metáforas criativas que assumem a função do brincar, conforme exposto no relato.

Palavras-chave: Psicanálise; Brincar; Constituição do sujeito.

Introdução

O presente trabalho visa compreender, por meio do auxílio de uma entrevista realizada para a dissertação de Mestrado “Dança e Psicanálise: Um estudo sobre a criatividade em professores de Ballet clássico”, como a dinâmica do brincar pode estar imbricada em uma aula de ballet clássico adulto. De certo, sabe-se que a aula de ballet clássico infantil é composta por elementos da ordem do lúdico, do brincar, que conduzem a criança à estruturação técnica do movimento, levando em consideração o modo de compreensão e a linguagem que a criança utiliza para articular seu mundo interno com a realidade externa. Mas, e quando a criança



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

crece, o brincar na aula de ballet clássico é deixado de lado, ou substituído? Pode o adulto brincar em uma aula de ballet clássico?

De certo, o brincar configura-se como uma expressão presente na forma de comunicação da criança, sendo alvo de estudos e de aplicabilidade técnica de diversos autores psicanalíticos, como Melanie Klein. Porém, Winnicott (1971/1975) ao formular sua teoria, indica um lugar e tempo ao conceito do brincar que difere dos autores que o precederam, enfatizando a universalidade e a importância da dinâmica brincar na constituição da criança e do adulto. Para Winnicott (1971/1975), no brincar encontram-se os processos que levam o indivíduo ao estado saudável. Por intermédio dos estudos dos fenômenos transicionais e do espaço potencial, o brincar encontra nas postulações winnicottianas uma importância implicada na atividade em si, mantendo-os como formas sutis “desde o emprego primitivo de um objeto ou técnica transicional, aos estágios supremos da capacidade de um ser humano para a experiência cultural” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 62).

Para Winnicott (1971/1975), o brincar não se encontra registrado em uma realidade psíquica e nem em uma realidade concreta, mas apresenta-se como um espaço intermediário facilitador, que dimensiona a passagem do campo da subjetividade para a objetividade, de modo a propiciar a criatividade, elemento este essencial para a existência e maturação humana, que se engendra no manejo de processos ilusórios e na desilusão (Winnicott, 1971/1975; Winnicott 1951/2000). Para Winnicott (1971/1975), o brincar no adulto pode manifestar-se de forma distinta da criança, porém o material e a dinâmica que lhe é subjacente permanece a efeito do gesto espontâneo e das produções realizadas no campo potencial. No adulto, o brincar manifesta-se por meio do senso de humor e da escolha das palavras a serem utilizadas (Winnicott, 1971/1975).

No *setting* clínico, Winnicott (1971/1975, p.75) afirma que no brincar se encontra uma atitude social positiva, como também uma experiência criativa vivenciada pelo paciente em forma real e intensa. Para Franco (2003), o brincar, atua no contexto clínico ao passo que propõe facilitar o processo comunicativo de si mesmo e com os outros, em um contínuo sistema que desintegra e integra novamente as experiências do paciente, tornando-as inéditas. Assim, a experiência



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

do brincar na psicoterapia, longe de uma perspectiva romantizada, pode ser surpreendido por aspectos assustadores das experiências do paciente. Desta forma, a intervenção psicanalítica pode ser compreendida como uma forma refinada do brincar na atualidade (Franco, 2003). Nele, paciente e terapeuta adentram a uma “brincadeira” que passa a ter a mesma validade que a realidade social concreta do paciente, ao passo que encontra no afeto bases de sustentação (Franco, 2003).

Para Fulgencio (2008, p. 134) o processo psicoterapêutico na perspectiva winnicottiana, não objetiva o cessar do sofrimento, mas habilita o paciente a “[...] criar-encontrar um lugar para viver, de se comunicar em nível profundo com alguém que partilha dessa experiência, sinta que a vida que ele vive é real e própria. E, por isso mesmo, vale a pena de ser vivida”.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa em Psicanálise. O material exposto consiste em um recorte da entrevista coletada para a dissertação de mestrado em andamento intitulada “Dança e Psicanálise: Um estudo sobre a criatividade em professores de Ballet clássico”, aprovada pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Londrina (UEL), CAAE 81117817.8.0000.5231, com parecer nº 2.469.315. O participante compõe-se por uma professora de ballet clássico que atuou profissionalmente por no mínimo um ano. Para a coleta de dados, utilizou-se da entrevista semi-dirigida como descrita por Turato (2003), na qual se adotou três perguntas disparadoras. A entrevista foi transcrita e o áudio descartado. Para o tratamento do material, utilizou-se a análise de conteúdo ancorada nos conceitos da Psicanálise de Winnicott.

Resultados e Discussão

A análise psicanalítica da entrevista 04 mostra-nos que a estruturação do conteúdo e da forma didática que se apresenta em uma aula de ballet clássico, acompanha o estágio e a capacidade de compreensão da idade dos alunos. Neste



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

sentido, nos traz a participante, que suas aulas para as crianças são formuladas a partir de um contato com o lúdico, de modo a trocar as nomenclaturas que compõem o glossário técnico do ballet por experiências imaginativas, brincadeiras infantis que dão conta de colocar a criança em um campo que favoreça a aprendizagem, um exemplo é a ação de “colher maçãs na pontinha dos pés”, ou “pegar a cesta e colocar a coroa de princesa”. O brincar e o lúdico parecem adentrar as aulas de ballet clássico e propiciam um campo criativo à experiência em dança infantil.

Das metáforas lúdicas infantis para a nomenclatura do ballet clássico, a aula transforma-se ao passo que as crianças crescem e se tornam adultos. Na visão da participante, o caráter lúdico é gradativamente substituído pela técnica. Embora se perca a ludicidade da aula de ballet em adultos, afirma a entrevistada, se mantém a “imaginação”. Em sua experiência, as brincadeiras são trocadas por falas que exemplificam e dão uma característica imagética ao exercício, por exemplo, quando suas alunas interpretam a força muscular necessária em um *jeté* assemelhando-o ao “riscar de um fósforo”, ou mesmo à força de sustentação de pernas em um *developé* se equiparam a uma bexiga que está subindo amarrada no tornozelo, a perna portanto deve seguir o balão.

É possível compreender a partir do enunciado pela participante 04, que o brincar pode ser encontrado na aula de ballet clássico em ambas as situações, infantil e adulto. Para o adulto, o brincar se manifesta por meio da escolha de palavras e metáforas que exemplificam a técnica e lhe adicionam a característica colorida da brincadeira. Embora brinque de forma diversa da criança, uma aula de ballet clássico adulta pode fornecer um ambiente suficientemente bom capaz de incluir professores e alunos em uma experiência imagética no campo potencial, que favorece a comunicação e a manifestação de um gesto espontâneo, utilizando os elementos do ballet para o processo criativo. Com isso, a objetividade da realidade externa e a subjetividade dos bailarinos e professores encontram um espaço intermediário que produzem brincadeiras criativas. Desta forma, semelhantemente ao lúdico infantil, na classe de ballet adulto bailarinas e bailarinos brincam, no sentido de Winnicott.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

Conforme nos mostrou Winnicott (1975/1971) o brincar do adulto é composto pela substituição de palavras, pelas saídas bem humoradas, ou mesmo pelas experiências com as produções da cultura, como as artes. Assim, o relato da participante conflui com as teses do brincar em dois sentidos; por se tratar de uma experiência do brincar adulto referenciado em uma produção da cultura; e por substituir a ação lúdica pela escolha de palavras e metáforas que soam como se fossem brincadeiras.

Conclusões

A partir do enunciado pela participante 04 é possível compreender que o adulto brinca ao passo que substitui a ação infantil por palavras e metáforas imagéticas que são produzidas criativamente em um movimento espontâneo, de modo a conduzir a experiência em dança a uma produção conjunta entre professores e alunos.

Desta forma, a dinâmica do campo potencial, do gesto espontâneo, da criatividade e do brincar como apontado por Winnicott (1971/1975) podem ser encontrados nos diversos contextos, pois trata de uma forma saudável e necessária de vivenciar dos indivíduos. Neste contexto, a aula de ballet clássico não é alheia a seus efeitos, o adulto brinca e se expressa por meio dessa atividade.

Referências

Franco, S. G. (2003). O brincar e a experiência analítica. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 45–59. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100003>

Fulgencio, L. (2008). O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 124–136.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486641X2008000100013&script=sci_abstract.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
(Original publicado em 1971)

TURATO, E. R. (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes

Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e Fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas (pp. 316-331)*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1951)